

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

OUTUBRO DE 1875

IV

SUMMARIO

Retrato do fidalgo João da Cunha Lobo Barreto.	A Grupiara, drama por José de Sá e Brito.
Therezina, por Tanerodo.	Evangelina e Luitza, por Mucio Teixeira.
Apoñtamentos historicos, topographicos e descriptivos da cidade do Rio Grande, por Carlos Eugenio Fontana.	Dados historicos sobre a provincia. Ao luar, poesia por Mucio Teixeira. Em lim, poesia por S. V.

PORTO ALEGRE

EMPRESA LITTERARIA

1875



REVISTA

DE

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

OUTUBRO DE 1875

IV

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875

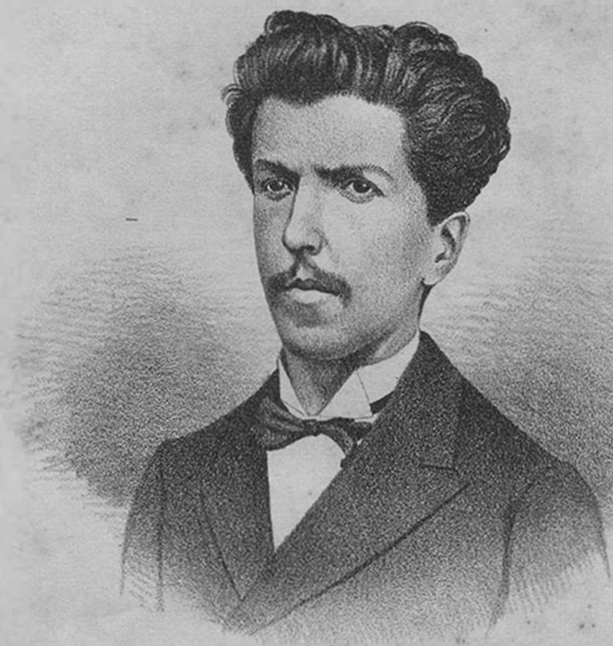






João C. Lobo Barreto

Lith. de J. Alves Lima - Porto Alegre.



J. DA CUNHA LOBO BARRETO F.º

Lith. de J. Alves Leire

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS DA CIDADE DO RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCÓBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

XV
Atas de Varias

A alfândega da cidade, apesar do decrescimento de suas rendas nos ultimos annos, rendeu de direitos para a fazenda nacional durante o anno findo de 1874, a quantia de 2,775:794²288 reis, sendo :

Janeiro	360:446 ⁷ 915
Fevereiro	266:097 ⁷ 806
Março	293:679 ⁷ 263
Abril	255:528 ⁷ 198
Maió	226:036 ⁷ 652
Junho	164:888 ⁷ 051
Julho	253:552 ⁷ 903
Agosto	172:104 ⁷ 872
Setembro	184:150 ⁷ 814
Outubro	224:704 ⁷ 564
Novembro	150:553 ⁷ 471
Dezembro	224:054 ⁷ 779

O rendimento da mesa de rendas provinciaes durante o mesmo periodo foi de 585:239⁷316, sendo :

Janeiro	52:963 ⁷ 605
Fevereiro	60:256 ⁷ 850
Março	53:106 ⁷ 464
Abril	50:256 ⁷ 841
Maió	60:351 ⁷ 984
Junho	80:716 ⁷ 160
Julho	40:538 ⁷ 518
Agosto	43:660 ⁷ 652
Setembro	40:837 ⁷ 612
Outubro	28:471 ⁷ 393
Novembro	13:686 ⁷ 038
Dezembro	60:393 ⁷ 199

Esta repartição, no anno de 1851, rendeu 201:717⁷089, elevando-se no exercicio de 1868 á 1869 a 703:550⁷147, rendendo ainda no exercicio de 1872 á 1873 682:861⁷127 reis, decrescendo em 1874 a 1875 a 562:241⁷101 reis.

No anno de 1867 a exportação dos principaes generos da provincia, foi :

Couros vaccuns seccos	436,825
Ditos ditos salgados	506,657
Xarque (arrobas)	2.154,391
Gorduras (arrobas)	359,868

E nos annos de	1872	1873	1874
Couros vaccuns seccos	477,044	398,988	533,088
Ditos vaccuns salgados	545,773	556,216	396,472
Xarque (arrobas)	2.135,316	2.227,031	1.601,385
Gorduras (arrobas)	363,299	399,626	285,855

O valor da exportação no exercicio de 1874 a 1875 foi de 10,949:489⁷945 reis, sendo para

Allemanha	3:914 ⁷ 260
Belgica	169:307 ⁷ 869
Brazil	5.626:690 ⁷ 107
Chile	25:252 ⁷ 040
Estados-Unidos	1.745:206 ⁷ 218
Estado-Oriental	63:684 ⁷ 036
França	245:405 ⁷ 148
Hespanha	312:738 ⁷ 542
Inglaterra	2.284:838 ⁷ 845
Italia	80:527 ⁷ 106
Portugal	491:917 ⁷ 324

O valor official da importação e exportação nos ultimos exercicios forão :

Anno financeiro	Importação	Exportação
1869 — 1870	3.236:179\$399	867:090\$556
1870 — 1871	3.160:945\$637	583:035\$590
1871 — 1872	2.619:617\$153	702:406\$318
1872 — 1873	2.255:122\$417	857:772\$899

Durante o anno de 1873 entrarão e sahirão pela barra do Rio Grande 1235 embarcações, sendo: entradas 602, lotando 152,481 toneladas, com 6,556 tripolantes e sahida: 633 lotando 167,580 toneladas com 7,389 tripolantes, contando-se no numero das entradas 73 vapores e nas sahidias 76.

No anno de 1874 sahirão para o Brazil 150 navios levando 22,376,155 kilg. de xarque e 3,172,166 ditos de graixa e sebo, sendo para :

Bahia	57
Pará	1
Paranaguá	1
Pernambuco	53
Rio de Janeiro	38

E no presente anno de 1875 sahirão 157 navios levando 23,353,264 kilg. de xarque e 3,046,873 ditos de graixa e sebo, sendo para :

Bahia	62
Pernambuco	57
Rio de Janeiro	35
Santa Catharina	3

XVI

Possue esta cidade diversos estabelecimentos industriaes, sendo o principal a fabrica de tecidos dos Srs. Reinghantz & Water.

A industria fabril quasi que desconhecida e desprezada no Brazil, tem uma digna representante n'esta cidade no referido estabelecimento.

Está esta fabrica situada na parte E. da cidade em terreno contiguo á cadeia civil, occupando uma área de 5000 metros quadrados.

Tem por manufacturas tecidos de lã, é movida á vapor e está nas condições exigidas pela arte moderna

Desde a machina de lavar lã até a tinturaria tudo é movido a vapor.

No pessoal empregado na fabrica conta-se bastantes mulheres e meninas.

A baeta, os cobertores e os chales manufacturados são de excellente qualidade, e sem duvida dispensão que para o futuro esta praça importe estes artigos.

O estabelecimento dos Srs. Dias & Almeida é tambem muito importante.

E' um estabelecimento de fundição de primeira ordem.

A officina está situada á beira mar, em local que reúne todas as condições necessarias. Seus operarios em numero de tripta, são os mais perfectos artistas que existem na cidade. Entre outras peças e machinismos, existentes na officina, notão-se as seguintes :

Uma machina de broquear, podendo broquear 24 pollegadas de comprimento e 12 de largura ;

Tres tornos, sendo um de 20 pés de comprimento systema mechanico de Whythworth C. ;

Duas machinas hydraulicas de furar chapas, podendo furar de 1/4 até 1 pollegada de espessura ;

Duas machinas de cortar e furar ;

Duas machinas de embrulhar chapas, podendo embrulhar uma chapa de 8 pés de comprimento ;

Tres macacos hydraulicos de suspender objectos de 10 até 30 toneladas de peso ,

Uma cabrea que póde attingir a 60 palmos de altura com dous aparelhos e dous guinehos, podendo suspender caldeiras até de 50 toneladas em 40 minutos.

E como essas peças que ahi ficão demonstradas, muitas outras possui este estabelecimento fundado ha 9 annos.

E' um centro de trabalho que muito honra a esta cidade.

Ha 25 annos o commerciante inglez d'esta praça, o finado Thomaz Messiter, mandou vir da America do Norte a semente da uva americana, que plantou em sua chacara na Ilha dos Marinheiros. Desenvolveu-se então a plantação e em seguida o fabrico do vinho que augmentou annualmente, sendo o iniciador o Sr. Antonio José Soares Vianna.

Nas 53 chacaras que ha na referida ilha, fabricarão-se no anno de 1873 475 pipas, sendo menor o fabrico do anno passado, devido aos estragos causados nas uvas por um forte temporal. A exportação tem sido insignificante, por não attingir esta industria ainda á perfeição quanto ao preparo para a conservação do vinho.

O seu preço tem regulado de 80# a 100# a pipa.

Outro estabelecimento fabril possui esta cidade digno de attenção. É o cortume dos Srs. Costa, Eymach & C.

Foi fundado em 1870 por João Flandin, admitindo como socio a A. Eymach, quem conseguiu fazer acreditar os productos a ponto de receber da Europa, Rio da Prata e Rio de Janeiro, continuadas encomendas.

Na exposição que ultimamente teve lugar na capital da provincia, os couros envernizados, os de bezerro e cabritilho, sollas e vaquetas merecerão distincção pela perfeição da mão de obra e arte. N'esta fabrica prepara-se mensalmente 500 meios de solla, além das de bezerro, cabritilho e vaquetas.

Tem um pessoal de 18 obreiros e só emprega a materia prima da provincia.

Os couros são curtidos em tanques de 12 palmos de profundidade.

Uma machina á vapor da força de 10 cavallos move :

Uma machina para bater solla, um tambor para lavar e amaciar os couros, um moinho que tritura no espaço de 10 horas 350 arrobas de casca e uma bomba que fornece a agua aos diversos tanques.

Brevemente esperão os proprietários augmentar as officinas d'este estabelecimento, que sua industria só aproveita a riqueza provincial.

Alguns outros estabelecimentos industriaes conta a cidade, como fabricas de cerveja, uma serraria á vapor, fabricas de sabão, de velas, de vinagre, etc.

Continúa.

THEREZINA

A' CAIO GRACCHO

1

Sem duvida, não esqueceste ainda aquella encantadora creança, de formas leves e vaporosas, maga concepção de um sorriso do Creador.

E' impossivel que essa formosa creatura, que tantas vezes povou os extases luminosos de teu espirito, resvalando em todos os teus sonhos de poeta ; essa mulher que tu dizias formada de uma gotta de luz, substanciada nas exalações suavissimas das flores, e tantas outras cousas que só lembrão a essas imaginações enfermas, é impossivel, repito, que seja apenas uma sombra vaga, confusa, indefinivel, sepultada nas ruinas do teu passado.

As mulheres d'aquella natureza, meu amigo, se um dia temos a felicidade ou a desgraça de as encontrarmos n'este caminho ingreme que se chama vida, não se passa além, sem lhe levarmos a imagem esteriopada na face do coração saudoso.

Ha n'essas creaturas angelicas, como que um reflexo divino, que nos illumina os mundos do espirito, em que sonha a phantasia do poeta.

Um olhar que nos deita, um sorriso que nos dá, uma flor que nos promete, é muito para longos dias de felicidade, para a perpetua embriaguez de nossa alma.

Therezina vive, e viverá sempre em tua imaginação, ligada ao teu passado por uma cadeia de recordações dulcissimas.

E' pois a historia de Therezina que te vou lèr : não a Therezina que tu conheceste, alegre, descuidosa e jovial ; despreoccupada do presente, sem receios do futuro, rosa que entreabria ao morno bafejar de quinze primaveras, embalada nas musicas angelicas dos cherubins do céu.

Não, meu amigo ; é a de uma infeliz creança, que despertou de um sonho povoado de purissimas visões, na mais cruel, na mais medonha, na mais desoladora das realidades ; mundanas !

Astro que resvalou da face anitada do firmamento, na escuridão do crime !

Pobre e desprotegida creança ! Virão-n'a resvalar de precipicio em precipicio, de abysmo em abysmo e não teve uma mão protectora que a sustentasse á beira da voragem.

Magdalena, — a mulher escarnecida, vituperada e apedrejada nas ruas da cidade santa, teve a regeneração do crime nos braços sangrentos da Cruz, orvalhada pelos prantos dulcissimos de seu amor santo ; e tu, pobre e desventurada creança, só a terás no seio gelido da morte, ou nos braços enfraquecidos de teu filho !

11

Ouve pois a historia de Therezina, que te fará estremecer dolorosamente as fibras do coração maguado.

E' breve como as alegrias da infancia, como um sonho de manhã, um sorriso de felicidade, um raio d'alvorada, porém intima, triste, e afflictiva, como a nota derradeira suffocada em labios moribundos.

Tinhão decorrido seis mezes, desde que pela ultima vez abandonamos aquella formosa cidade, d'onde tantas recordações levamos, de envoltas com os prantos doridos de uma saudade que dóe.

Tu, tinhas ainda o coração aberto para as impressões dulcissimas do amor, um astro que te banhava de luz as sombras escuras da tua vida, hoje desfeito n'uma exhalação lucida, marcando apenas um ponto luminoso em teu passado : eu, n'essas vagas e caprichosas aspirações da mocidade embalava-me descuido no magico cantar da fada dos vinte annos.

Felizes tempos, meu amigo, em que viviamos pela mais santa idealisação dos nossos extases, hoje banidos pela prosa assustadora dos factos positivos.

Assim devia ser. O mundo já não cura de chimeras ; e o homem que se propõe apregoar theorias de uma moral absurda e inexequivel, expõe-se á gargalhada insultuosa da plebe sensata.

Que queres n'esta epocha contaminada pelo calculo ás cousas po-

sitivas, é forçoso aceitar as doutrinas de Confucio, renunciando ao ascetismo do piedoso Ioge, que só podia viver no paiz maravilhoso, do sonhar extravagante.

A final, olha que não perdemos nada ; foi uma illusão de menos ; entretanto uma carga de sensataz experiencias, veio indemnisar-nos largamente do prejuizo.

Este mundo é uma cadêa de successões ; a felicidade de hoje faz o desespero de amanhã ; e a mulher que por um momento abrange todas as faculdades de nossa alma, fazendo-a resvalar de sonho em sonho, de devaneio em devaneio, será a hydra que amanhã ha de enroscar-se-nos ao coração para abandonal-o viciado de podridão, corrompido, infeccionado, como se adormecessemos á margem d'essas lagôas pontinas.

A mulher que nos deixa n'alma as flores que se regão nas lagrimas quer da saudade, quer de reciprocas tristezas, é a perola do céu que apaga a sede aos filhos do deserto, o maná que o Senhor enviava ao povo de Moysés, o ramo crystalisado de Stendhal, arrancado as minas de Sabsbourg.

Mas ai ! d'estas angelicas creaturas, não t'as deparou o acaso, nem t'as enviou Deus ao teu deserto.

Vai pois arrastando o pesado grilhão de uma vida de desgostos, identificando-te nas recordações do passado e esperanças do futuro, em quanto eu choro os fugitivos instantes da minha juventude, já agora fanada como a flor inculta dos desertos e sem gotta d'agua reanimadora.

Mas deixa-me fallar de Therezina que lá nos ficou n'esse deserto, confundida no pó das vulgaridades.

Quem tal diria ?

Foi sorte, não se fuge á tutella ignobil de um destino máo.

Ponhamos isto ás costas da fatalidade que não nos virá responsabilizar.

III

Depois de seis mezes de ausencia volvi de novo ao eden da minha juventude, onde os dias me correrão em voluptuoso enlevo, e d'onde me vi expulso pela mão da fatalidade...

Cá vem a fatalidade... amarra a que se apegão os desvairados da vida e os orphãos da fortuna.

Pois olha que não sympathiso com a palavra ; cahio dos bicós da penna sem eu dar por isso. Já agora está escripta.

Ao aspecto d'aquelle céu purissimo, onde se reflecte uma primavera eterna ; d'aquellas longas varzeas onde a natureza desdobra em to-

das as estações esmeraldinos mantos de verdura ; d'aquellas alongadas cordilheiras d'onde as nevoas da tarde sobem em tenues espiraes aos seios do infinito, sentia que a vida me voltava de novo ao coração esphacelado pelos continuos embates das recordações saudosas.

— E Therezina ? — perguntava eu a um raro amigo da minha infancia que me fazia detalhadamente as revoluções operadas na esphera d'aquella sociedade.

— Therezina ?... ah, meu amigo ; esse astro levado pelo dominio absoluto de uma repulsão mais forte, desequilibrou-se da orbita de sua rotação... e desfez-se em uma porção de brumas.

— Que queres ? Quem se propoz a sonhar em um mundo de chimeras, expõe-se a acordar em um mundo de frias e descarnadas verdades.

Ella assim o quiz. Bem sabes que na qualidade de satellite fiz por longo tempo a minha rotação em torno ao astro despenhado.

E como teriamos sido felizes, se ella, a doudinha, a loureira dos amores, não desdenhasse vaidosa o muito affecto de minha alma !

— Vaidade de namorado...

— Seja. Ainda bem que posso cantar hoje o meu hymno de resgate, enquanto a desventurada esfolha no lodo as ultimas rosas da sua grinalda virgem.

Olha que não digo isto com gloria, não; assim Deus me salve que foi testemunha do muito que soffri por ella.

— E que soffres ainda...

— Não soffro : é uma sombra apagada no meu passado de dous dias, uma imagem esvaeçida da téla do sentimento. Lutei mas venci; succumbir seria uma indignidade.

— Mas diz-me o que sabes de Therezina, conta-me a sua historia, as circumstancias funestas que a arrastarão da innocencia ao crime, do crime á perdição.

— Sabe-as ?

— A quem o perguntas tu ? a mim que a acompanhei em todas as phases do seu desvairamento sentindo aos poucos espedaçar-se-me o coração.

— E não lhe valeste n'esse cahir, não te interpozeste em seu caminho para lhe dizer que se perdia n'essa cegueira fatal ?

— E's louco, homem ! Isso lá podia ser ? Aquillo era uma allucinação, um delirio, uma vertigem, um desvairamento com todos os elementos de uma paixão insana.

Vai lá dizer ao raio que retroceda, ao mar que não se enfureça quando lhe roça a superfície a aza do genio dos pampeiros!

Therezina caminhava deslumbrante, radiosa de felicidade para o entulho ignobil das paixões funestas. Aabyso que não via porque não acreditava na infamia do homem que a perdeu, do monstro que a seduzio, por capricho, por vaidade, por desfastio talvez das suas longas horas de ociosidade opulenta.

E onde encontrar elementos que podessem destruir a linguagem persuasiva d'aquelle homem, empregada com todo o fogo da seducção?

Therezina nada mais viu desde o momento fatal em que esse monstro veio povoar-lhe o espirito de visões transparentes, reflectindo no gazeo céu da sua vida o colorido extranho das ondas luminosas.

Entoou-lhe a harmonia das languidas espheras, a nota vaga das musicas angelicas, os cantos sonoros dos mundos invisiveis, as strophes melancholicas das auras sussurrantes.

Em seu seio despertou-lhe sensações maravilhosas, e sua alma rompendo os vinculos da materia, foi arrebatada de sonho em sonho, pelo espaço infinito dos seus desejos puros. Depois, tudo se desfez em uma exalação lucida.

Perdida a candura primitiva via-se expulsa da innocencia como Eva do paraiso, sentindo ludibriadas todas as suas esperanças pelo sarcasmo dos desenganos brutaes.

Pobre Therezina!

Hoje emquanto o infame caminha impunemente pela vereda do crime, ella, a desventurada, estorce-se no leito humido da indigencia vendo o abutre sangrento da fome pairar sobre a cabecinha loura do inditoso filho.

A sociedade que applaudiu o homem que arrancou-a ao seio plácido do lar, esqueceu-a finalmente como se esquece uma creatura indigna. Ainda bem.

IV

Aqui tens a mais afflictiva phase da vida d'aquelle desventurada creança.

Não a maldigas.

Foi um astro que resvalou da face anilada do firmamento na escuridão das noutes.

Em breve volverá de novo ao céu que lhe foi patria, já purificada do erro, nas aguas puras do Jordão da fé.

A GRUPIARA

DRAMA BRAZILEIRO

EM 1 PROLOGO E 4 ACTOS

PERSONAGENS DO 1º ACTO

Descio Serrano	27 annos
Dionisio	57 »
Augusto Martins — Negociante —	45 »
Luiz Corrêa — Guarda-livros —	Moço.
Armando Wormes — Idem —	»
Jorge — Criado —	».
Um official de justiça.	
2 praças de policia.	

O 1º acto passa-se na cidade do Rio de Janeiro 17 annos depois do prologo; 1865.

ACTO I

SEIS ANNOS DE CONSPIRAÇÃO

SCENARIO: — Um escriptorio subterraneo, para onde se entra por uma escada á esquerda, fóra da scena, e que desce da loja superior; ao fundo uma porta com grade de ferro dando para lugar escuro. Ao meio da scena mais ou menos, um alçapão. Um cofre á direita, uma mesa no centro e outra mesinha a esquerda e algumas cadeiras. E' dia, porem ha luzes que clareão bem esse escriptorio, nas paredes do qual se achão a esquerda um retrato de Pedro Serrano, coberto com crepe e uma bolça de viagem; pendurada ao fundo, á direita da grade de ferro um grande quadro representando a scena do assassinato do prologo inclusivel a appareição de Dionisio.

SCENA I

JORGK (só)

JORG. (*sentado com liberdade; uma vassoura ao lado*) — Ora! Comprehendão lá esta vida! Ha seis mezes que chegamos de Lisboa e eu ainda não sei o que é este Rio de Janciro. Preso como um noviço no convento. Proibição completa de relações e amizades. Que quer isto dizer?... Póde-se levar esta vida muito tempo?... Ora a paga é boa... Promessas melhores, se cumprir a risca o regulamento da casa. Mas póde-se por muito tempo supportar isto?... (*Pausa*) Quanto ao senhor meu patrão... aqui ha mysterio... Em Coimbra, em Braga, no Porto e Lisboa, um rapaz ás direitas! Folgazão, estouvado e ás vezes cynico e máo! Oh! me lembra bem d'aquellas transicções que

teve com muitas bellas raparigas que se morrião de amores pelos seus cobres. Um dia, apaixonado, arrebatado; sedas, velludos, brilhantes, ouro e mais ouro aos seus pés; no dia seguinte sem quê, nem para quê; prohibia-lhes que o procurassem, aborrecia-as, odiava-as! As vezes, depois de um passeio á Beira, de uma cantata ao luar; depois de um baile ou de uma ceia, recolhia-se o meu homem com uma cara de condemnado, fêchava-se n'um quarto; occulto como este, com a differença que era no segundo ardar do palacete; um palacete immenso em que só moravamos tres pessoas; e lá conservava-se dois, tres e até quatro dias fechado, só recebendo almoço, jantar e ceia em que quasi não tocava; e aquelles dez ou doze infalliveis individuos que sempre de lá sabião com caras de quem tinhão achado e roubado ao mesmo tempo, isto é, alegres e medrosos. (*Pausa*) Isto cá para mim, ao principio deu-me agua pela barba; pensei mesmo que o tal senhor Lyncio, era fabricante ou passador do *bom papel*; mas qual! não tardei a descobrir que toãa a *chelpa* lhe vinha do Brazil. Mas o que ião ali fazer aquelles sujeitos! O que vem aqui fazer dois outros? Isso não sei eu; lá como aqui ha uma porta que separa por um extenso corredor o escondido escriptorio, onde só penetro para varrel-o e espanal-o; nunca n'este, nem aquelle de Lisboa, ouvi duas palavras trocadas entre duas pessoas. Arre!... Tudo isto pouco se me dá. Mas a liberdade que me toma?! (*Pausa*) Porém está a findar. Disse-me que seria por seis mezes; se fôr pontual, como até agora, n'estes poucos dias estou livre... Oh! então que desabafo! (*Ouvem-se passos e o bater de uma porta; Jorge agarra depressa na vassoura e continúa varrendo para o alçapão que está aberto.*) Ahi vem o cujo. Apre! Não me diga elle alguma cousa que eu disbarato.

SCENA II

DESCIO e JORGE

DESC. (*chegando*) — Ainda, Jorge?

JORG. (*a parte*) — Hoje está de boa veneta. Queira Deus não mude para tarde. (*Alto*) Estou acabando, patrão.

DESC. — Te espero.

JORG. (*Atira com pressa o cisco e vai agarrar o espanador*) — Está quasi prompto. (*Aparte*) Se não fosse depois me pregares algum sermão como já uma vez, te havia de ensinar que nem sempre é bom ter muita pressa. Ainda mais quando se está só homem com homem. (*Descio recúa a cadeira onde se assenta e Jorge assusta-se*) Senhor!... Patrão chamou-me?...

DESC. — Anda!

JORG. (*Espanando o cofre e fingindo suspiros*) — Ai! ai!... Por quem suspiras, Jorge?... Por ti, meu querido cofre! se podesse encher meus bolsos com o que tu enches tua pança... Ai! Lisboa, Lisboa!... Ai! Maricas Rovêra, Anna Puchacha, Rosa Armida, flores silvestres que vegetaes sem mim n'essa primorosa terra.

DESC. — Então? Estás ahí a murmurar e'ou a esperar-te.

JORG. (*A parte*) — Tem ouvidos de ptytico! (*Alto*) Prompto, patrão.

DESC. — Chega aqui.

JORG. (*A parte*) — Grande novidade! (*Chega-se*)

DESC. — Quero saber, Jorge, se posso depositar toda confiança em ti.

JORG. — Senhor...

DESC. — Perdão se te offendo. Porém és moço e um tanto extravagante.

JORG. — Mas nunca...

DESC. — Bem sei, bem sei. Nem eu te fallo em confiança a respeito de honradez; sobre esse ponto a tua mocidade é uma garantia; os homens maduros mais facilmente tem o egoismo da ambição, como os velhos a sede da avareza. Conheço bem o mundo e com elle te conheço, Jorge, que comigo convives, ha sete annos.

JORG. — É verdade, senhor.

DESC. — Pois bem: a confiança que espero de ti, é a da amizade. (*Levanta-se*)

JORG. (*commovido*) — Oh! patrão...

DESC. — Tens um bom coração, Jorge; deves-me ter perdoado essas exigencias futeis de moço, essas tropelias exaltadas do homem que soffre e finalmente as injustiças e máos tratos filhos do tedio, da amargura de um padecer atroz, de uma sede insaciavel!

JORG. — Não lhe comprehendo, senhor.

DESC. — Não me comprehendes, que desejo que de hoje em diante deixes de ser meu criado para seres meu amigo?

JORG. — Ah! despede-me?

DESC. — Nunca, nunca... Quero unicamente que deixes de ser um rapaz para te tornares um homem. Quero que abandones a libré pela casaca. Quero que deixes de ser o criado para seres o intendente d'este palacio, que em pouco tempo abrirá suas portas á sociedade!

JORG. (*na mais elevada commoção*) — Ah! Sr. Lyncio! V. Mee. já tem algumas vezes se divertido comigo, não posso crer; está brincando! Que lhe fiz eu para merecer esta felicidade?... Que valho?... Porque?...

DESC. — Que fizeste? — Fizeste que ainda eu podesse crer em uma possibilidade. — Que vales? — A minha crença! — Porque? (*estendendo a mão*) — É's honrado!

JORG. (*agarrando-lhe a mão e beijando*) — Ah! patrão, o senhor é muito generoso!

DESC. — Não digas tal; unicamente — sou a justiça! Como sei castigar, sei recompensar; como sei amar, sei odiar! (*Retira a mão e dirige-se para a mesa.*)

JORG. — Mas eu não mereço tudo isto.

DESC. — Jorge, chega-te. Fica sabendo que meu nome deixa de ser de hoje em diante, esse porque me conheces; Lynceio, ou antes o Lynceio estará saciado do sangue dos lobos de quem fez suas ovelhas. Me chamo Descio Serrano. Esta mesma noite, estou prevendo que me será preciso partir, é como não tenho tempo para fallar de futilidades, encontrarás n'este papel todas as minhas ordens que cumprirás restrictamente. Despedirás hoje mesmo o cozinheiro com quem tens tido liberdades demasiadas e tomarás um que te reconheça por seu superior. Previno-te que em minha casa não servirão escravos.

JORG. — Sim, senhor.

DESC. — Ainda vinte e quatro horas do mais profundo segredo e amanhã completarão os seis mezes de discricção que exige de ti. (*Olhando o relógio*) São dez horas. (*A Jorge*) Sobe; deve estar lá em cima o Sr. Armando Wormes, manda-o descer.

JORG. — Como o tratarei, senhor?

DESC. (*apertando-lhe a mão*) — De amigo: pois não és?

JORG. — Ah! senhor Descio, porém, somos muito desiguaes.

DESC. — Enganas-te. Não ha desigualdade entre os homens honestos e honrados; a posição de nada vale, é fumo que se desfaz ao menor sôpro dos labios de uma criança. A riqueza é espuma matizada pelos raios do sol que se evaêce a pouco e pouco! Dignidades, glorias! (*encolhendo os hombros*) nada querem dizer senão que ha na consciencia a limpeza. O unico mérito, Jorge, aquelle que mais vale, porque vale a nossos proprios olhos, é a nossa serenidade de consciencia, o sentimento de nossas proprias virtudes!

JORG. — Sois um grande homem, senhor Descio.

DESC. — Obrigado, meu Jorge. — Vai.

SCENA III

DESCIO (só)

DESC. — Recompensei a virtude. Preciso agora recompensar o crime com o crime. O ouro é a febre dos endemoninhados. (*Dirigindo-se para o cofre que abre ficando bem aberto e vendo-se alguns montes*

de moedas de ouro, que olha exclamando) O ouro é a vibora que dilacera as entranhas de quem provou-lhe a peçonha! Miseraveis grandes, que não conheceis felicidades, que vos enchafurdaes n'essa lama brilhante que vos illude, que vos conspuea e pela qual não trepidaes no vicio e no crime!... Ouro!... Podes trazer abundancia ao lar, podes trazer luxo, bellezas, commodidades, mas o que nunca trará é o socego, a paz de espirito! Tu ainda mesmo adquirido pelo trabalho honesto, és a perversão; és incommodo ainda, quando serves de espantalho, ahi n'um cofre! (*Bate com a porta do cofre que se fecha.*)

(*Ouve-se tocar uma sineta e Wormes apparece; Descio vai a parede esquerda junto da porta, onde se acha uma agulha como de busola, move ella e ouve-se bater a porta do alto.*)

SCENA IV

DESCIO e WORMES

DESC. (*ao aproximar-se Wormes*) — Já vê, que a porta do alto d'aquella escada é fechada por electricidade! só eu a posso abrir; se tivesse de morrer aqui, quem comigo estivesse tambem morreria; sou muito rico, posso ser assaltado por ladrões, por isso fui providente; n'este caso a sua vida depende da minha.

WORM. — Dir-se-hia que desconfia de seus amigos?

DESC. — Ao contrario; desconfio de meus inimigos, que são todos os da especie humana.

WORM. — Mas, os mais proximos estão em seu poder.

DESC. — Ainda não.

WORM. — Creio que o senhor tem pouca fé em mim. Não sei porque? Paga-me, sirvo-lhe. Que mais tenho a fazer?

DESC. — Falla em fé! Bem sabe que quando se a tem em Christo desconfia-se de Judas!

WORM. — Já que assim entende...

DESC. — Sente-se. (*Sentão-se*)

WORM. — Não sei se lhe preciso lembrar que é hoje o grande dia.

DESC. — Bem sei.

WORM. — Tudo está preparado. Não existe em caixa nem 200*000 reis; a letra falsa sendo de oito contos, não precisava tanto; o senhor

teve a boa lembrança de propalar o boato da proxima fallencia de Augusto Martins...

DESC. — Eu?!... Engana-se, nunca fallei em semelhante nome; dizia-se...

WORM. — Se não foi o senhor, foi alguém por si; (*Descio encolhe os hombros*) porem, eu continuo: ha mais de um mez, como já lhe disse, o banco do Brazil suspendeu-lhe o credito; Mauá e os outros bancos não tardarão a fazer o mesmo; os particulares de tres mezes para cá por ordem minha, correm ao escriptorio para receberem suas contas; tem-se feito pagamentos miudos por mais de dezeseis contos, e aconselhei-o que garantisse seu credito com os pequenos credores, pois era facil obter a quantia precisa para satisfazer a letra antes mesmo do vencimento. Tudo tem corrido conforme as instrucções que o senhor me deu. Ha oito dias que aqui não venho; tem sido justamente n'este tempo que Martins perdendo uma a uma todas as esperanças, tem vivido no maior desespero. Hontem fallou-me de suicidio; destrui-lhe semelhante pensamento como me ordenou. Fallou-me depois em ir lançar-se aos pés dos Srs. Nolasco de Araujo & C., confessar-lhes o crime, pedir-lhe que não o perdessem, antes o salvassem; ainda combati essa idéa; dei-lhe esperanças até a ultima hora e fiz-lhe ver que a casa de Nolasco de Araujo de quem falsificou a firma para indossante da letra, tinha-se tornado sua inimiga n'estes ultimos tempos e que nada havia a esperar d'ella. (*Pausa*) Entretanto, Sr. Lyncio, faz-me pensar, sem saber, a causa d'esta sua tão bem combinada obra de destruição, em que tenho servido de instrumento. Parece-me que não é de seis mezes em que nos conhecemos, que a mão da fatalidade pesa sobre Augusto Martins; vem de mais longe, de seis annos... (*Levantão-se.*)

DESC. — Tem satisfeito cabalmente o nosso contrato. Não lhe importe a causa d'esse trabalho. (*Pausa*) Resta-me ainda fazer-lhe uma ultima recommendação: estará ao lado d'esse homem até a hora em que fôr descoberto o seu crime... (*severo*) e depois, attenda bem! n'isto está sua salvação!... fará com que elle venha procurar refugio n'esta casa, — aqui!

WORM. — Nada mais facil: deixa-se levar como uma criança, e no estado amedrontado em que se acha qualquer palavra de salvamento é para elle um pharol.

DESC. — Vou agora cumprir com meus deveres. (*Encaminha-se para o cofre e escancara-lhe a porta*) Vê?

WORM. (*disfarçando a commoção*) — Ouro!... Ouro! O senhor é muito rico!

DESC. — E tudo será seu. Prometti-lhe uma fortuna: eil-a!

WORM. (*avançando*) — Meu?! Meu?!... Todo esse ouro?

DESC. (*antepondo-se-lhe*) — Bem... Não tão depressa. (*Bate com a porta do cofre que se fecha*).

WORM. (*recuando*) — Está zombando de mim !

DESC. — Com que garantia entregar-lhe-hei esse dinheiro ? Vê que não está concluído nosso contracto, não está consummado o seu crime.

WORM. — Que mais exige de mim ? Farei o que quizer ; já não posso recuar.

DESC. — Sente-se e escreva.

WORM. (*senta-se junto à mesa, toma penna, papel e tinta e prepara-se para escrever*) Dite, senhor !

DESC. (*dilando*) — « Declaro pelo mais solemne juramento, que
« meu ex-patrão, é unicamente victima de sua imbecilidade e confian-
« ça que em mim depositava ; fui eu que falifiquei a firma dos Srs.
« Nolasco de Araujo & C.^a quando o Sr. Martins no tempo em que
« passou a lettra, ainda podia tel-a gratuitamente dos mesmos senho-
« res, que como em outras occasiões se prestarião ; é facil reconhecer
« que o temor de uma recusa imaginaria, aventada por mim, foi causa
« unica que o levou a tomar meu conselho e aceitar minha habilidade.
« Declaro mais, que sou um miseravel...

WORM. (*levantando-se com impeto*) — Oh ! nunca...

DESC. (*ironico*) — Quer representar comedia ? (*Energico*) Tenho pressa, senhor, — adiante !

WORM. — Mas offender-me a mim mesmo?... Não ! Nunca !

DESC. (*ironico*) — Então rague esse papel e parta. Mandarei a seu amo os oito contos de reis para livral-o da prisão.

WORM. — Senhor !

DESC. (*idem*) — Decida...

WORM (*sentando-se*) — Dite...

DESC. — Conheço-o já bastante. A palavra «miseravel» não choca o cynismo. Continúe ! (*Ditando*) « Declaro mais que sou
« um miseravel e que fui levado a esse passo unicamente pela inveja.
« Eis a verdade.» (*Apontando*) Agora date e assigne.

WORM. (*entregando o que escreveu*) — Escravisaste-me. Trabalhei contra minha consciencia.

DESC. — Tá, tá, tá ! Nada de palavrões. (*Toma o papel, passa-lhe os olhos e mette-o no bolso*) Está bem. (*Fai junto à parede e tira a bolsa de viagem que ali está pendurada, volta e a entrega a Wormes*) Ahí está o seu passaporte, bilhete de passagem e mais papeis que possa necessitar ; chamar-se-ha de hoje em diante Luciano Typhoco... Nomes singulares?! Não se admire ; precisava de um pseudonimo para sahir livremente d'esta terra, escolhi o que mais lhe convem ; são apenas nomes de dois insectos ; o primeiro representa as garras traiçoeras que destroem a casa que o guarda e o alimenta, é o seu passado ; o segundo é o seu futuro, irá ter d'elle a vida igual, na região do crime, revendo-se nas laminas do ouro.

WORM. — Ah ! senhor, que lhe fiz eu para que me odeie !

DESC. — Odial-o, eu ? (*Leranta os hombros com desprezo*) Que

me fez? Nada. Foi um livro, onde li a mais refalsada hypocrisia, o mais vil cynismo ennovellados na mais putrida ambição! Nem fallemos n'isso. (*Pausa*) Amanhã ao alvorecer, a barca «Tulipa» segue para Nova-York. Deve ficar a bordo esta noite.

WORM. — Mas?!...

DESC. — Nada de hesitações, senão condemno-o tambem. (*Dando-lhe a chave do cofre*) Ah! tem: vá buscar o que lhe pertence. Tem ahí 5,000 libras sterlinas.

WORM. (*toma a chave e vai avidamente ao cofre e abre-o, commovido e atrapalhado, põe os montes de ouro alguns nas algibeiras, a maior parte na bolsa*) Que lindas! Cincoenta contos! Já é uma fortuna!... Leve o diabo Martins. Bem vi que não acabaria bem!... Cincoenta contos!... Rico!... Parece-me um sonho!...

DESC. (*que está olhando com despreso a ambição de Wormes*) — Ambição... ouro... crime! sois a mesma palavra!

WORM. (*depois de olhar bem o cofre*) — Mais nada. (*Retirando-se lentamente*) Queria saciar-me. (*Chegando-se a Descio; com constrangimento*) O senhor é o meu bemfeitor.

DESC. — Cale-se; pago-lhe, e não dou-lhe o direito de me ofender.

WORM. — Mas a minha gratidão?!

DESC. — Guarde-a, não a quero! Não m'a deve. (*Mostrando-lhe a escada*) Siga!

WORM. (*estendendo-lhe a mão*) — Adeus!

DESC. (*recúa um passo*) — Entre o juiz e o carrasco, levanta-se uma barreira! (*Apontando-lhe com energia a escada*) Já!

(*Wormes sobe devagar até ir-se de todo. Descio que tem ido á parede move a agulha electrica, ouve-se abrir a porta; depois de um instante de meditação, Descio sahe pela grade do fundo que abre com uma chave que tira do bolso.*)

SCENA V

JORGE e LUIZ CORRÊA

JORG. (*Bem trajado. Aparece no alto da escada e precedendo Corrêa descem*) — Podemos descer: o Sr. Lyncio não está, porem disse-me de o conduzir aqui, assim que sahisse o outro senhor. Creio que muito pouco deve esperar.

COR. — E-me indifferente.

JORG. — Eu como intendente d'este palacio, terei as honras de sua companhia, esperando de sua obsequiosidade que não se negará a trocar dois dedos de conversa. Aqui cheguei ha pouco, posso mesmo dizer que cheguei hoje ou antes que chego amanhã; nada sei d'esta terra e terei muita satisfação de lhe ouvir fallar do que ha de bom por cá. (*Pausa*) O senhor está um pouco distrahido. Queira sentar-se. (*Offerece-lhe charutos*) Sirva-se.

COR. (*sentando-se*) — Obrigado, não fumo.

JORG. — Não fuma? Isso não é muito natural. Não fumar na terra do tabaco? Toma rapé?... Também não!... Tem ali um pouco de Paraty, recusa?

COR. — Tenha a bondade de não prevalear-se de minha posição aqui!

JORG. — Nada, meu senhor; a sua posição aqui é como em outra qualquer parte; unicamente admiro que V. S.^a não dê extracção aos productos do paiz. Permitta que lhe diga: isso é ser máo brasileiro; além de que, um homem não ter vicio decente, não é ser homem completo. Pois olhe, nós portuguezes, na nossa pequena porém nobre patria, amamos com fervor o seu maior producto.

COR. — O senhor é Lisboaeta, já se vê?

JORG. — *Ipsis verbis.* (*Enthusiasta*) Ufano e orgulhoso como o galhardo pavilhão das quinás!

COR. — Somos patricios, porém eu sou de Braga.

JORG. — De Braga?

COR. — Ao pé.

JORG. — De Braga ao pé?!... Cumprimento-o, senhor, e em sua pessoa a sua velha Sé, onde por dois annos todos os domingos ia ouvir uma missa e adorar os olhos negros de uma gentil *Bragana*, que pensei por muito tempo ser uma santa d'aquella igreja, mas que não era mais do que um diabrete endiabrado.

COR. — Então esteve em Braga?

JORG. — E' como lhe digo. Mas já lá vai muito que isso foi. Mas o senhor!... apostaria que era brasileiro.

COR. — Estou aqui de-de pequeno. (*Senta-se*)

JORG. — Ah! já o senhor sente-se alegre; bem dizia o immortal Camões:

« Que alegria não póde ser tamanha

« Que achar gente vizinha em terra estranha!

COR. — Não estou alegre, estou animado; preciso de um amigo nas circumstancias atrozes em que me acho. (*Estende-lhe a mão, que Jorge aperta.*) Preciso saber quem é este homem, quem é este Lyn-

cio? esta alma infernal que me arremessa no abysmo a que me sinto attrahido pelo amor, pelo escaldar de minhas veias; quem é este homem?! Anjo ou fatalidade, diz-me, Jorge. Obedeço-lhe como escravo; sinto em seu olhar a força magneitica que domina, o imperio a que se não re-iste! Odeio e respeito essa creatura do inferno; porém ha em mim uma sombra vaga de terror que me parece elle dimanar de si. (Só) Como soube que eu amava essa mulher?! Porque protege esse amor criminoso, que só com um maior crime nos trará a liberdade? Porque e como veio escolher meios tão difficeis, certos, infalíveis, para que nos livrassemos, ella do marido e eu do amo, do senhor! Ah! mas dá-me a luta o remorso da ingratição. (*Em desespero*) Oh! isto não póde ser; não! nunca! (*Descio apparece á porta e vem descendo*) Resistirei a elle e mesmo á ella!... Que me importa o amor? Não, não serei egoista. Calcal-o-hei no coração... arremessal-o-hei fóra do crime!

SCENA VI

Os mesmos e Descio

Desc. (*batendo-lhe no hombro*) — De que crime fallas? Não o ha para ti; se o houvesse, cré: não se podem desprender os laços que elle como golhilha nos envolve ao pescoço. Que grande cousa fazes tu, em ajudares a justiça? Depois, mancebo, entre duas ingratições, entre aquella a quem paga e a aquella a quem ama, eu saberia escolher.

Cor. — Tem razão; o amor!

Desc. — Seria loucura pensar o contrario. Depois, que fizeste para que tenhas remorsos? Entregar um ladrão á justiça é lealdade de bom cidadão. O homem a quem bem servimos tem o dever de bem nos pagar e de melhor nos tratar. Não tens nem uma boa paga, nem um bom tratamento. Luiz Corrêa, nada deves a esse homem.

Cor. — Oh! Sr. Lyncio, alivia-me o coração e m'ô enche ainda mais.

Desc. — Breve te estenderei uma mão amiga. Quanto á mulher que amas, quanto á Magdalena; a victima devia cedo ou tarde odiar o algoz. O coração cheio de mocidade e vasio, devia um dia encher-se de amor! D'esse ardor volcanico, capaz até do mais horrendo crime; o amor d'ella é pois perdoavel. (*Pausa*) Sei o que vieste fazer aqui.

Está tudo prompto, o caixote foi despachado e está depositado no teu escriptorio.

COR. — Sabe tudo isto, senhor?! Se agora mesmo sahio da alfandega e veio entre outros volumes...

DESC. — Apenas presumo.

COR. — Ah!

DESC. — Então, á noite — o baile!?

COR. — Magdalena custou a resolver o commendador, porém a tres dias, quando chegou o paquete, as cartas o satisfizerão tanto, que deu consentimento. Hoje tem estado entre timorato e alegre; quando entrou o caixote no escriptorio bateu-me no hombro e disse: Luiz, d'aqui a seis mezes sou uma das maiores fortunas do Rio de Janeiro, no fim do anno dou-te interesse em minha casa já não podes deixar de ser meu socio.

DESC. — Creança! É forão essas palavras que jogarão em teu coração o arrependimento, que te fazia trepidar em lançar-te nos braços de maior fortuna! Pobre louco! Tu não sabes de quanto o homem assassino e ladrão será capaz!

COR. — Assusta-me, senhor; assassino e ladrão?

DESC. — Te contarei mais tarde uma triste historia, meu pobre Luiz Corrêa; hoje não t'o posso fazer. Vai. Talvez que elle te precise para os ullimos serviços. (*Apertando-lhe a mão*) Até logo.

COR. (*sahindo acompanhado por Jorge*) — No baile?

DESC. — Sim. (*Vendo-o sahir*) Ali está uma nobre alma chafurdada no lódo, d'onde preciso arrebatá-la. (*Senta-se junto á mesa e escreve enquanto Jorge sobe e desce sem demora.*)

SCENA VIII

DESCIO e JORGE

JORG. (*chegando*) — Senhor: ahí está um homem que lhe deseja fallar; creio que vem hospedar-se aqui, pois traz malas consigo.

DESC. — Um homem?!

JORG. — Sim, senhor; é assim de côr parda; velho, vestido á modo do campo, com umas grandes esporas e com um rebenque!... (*faz signal de muito grande*) E sobretudo fallou-me primeiro em Descio, depois foi que emendou para Lyncio.

DESC. — Quem será?... Não posso agora abandonar este lugar, manda-o descer para aqui.

JORG. — Vou cumprir... (*Vai a sahir mas volta a chamado de Descio.*)

DESC. — Escuta. Ouviste ha pouco a conversação que tive com este moço ; comprehendeste-a ?

JORG. — Senhor !...

DESC. — Sê franco ! Pois não és meu amigo ?

JORG. — Comprehendi perfeitamente, trata-se...

DESC. (*atalhando-o*) — Bem. Nunca desconfiaste que eu conspirava ? pois desde sete annos que me acompanhas, deves ter sempre encontrado na minha vida um quê de original.

JORG. — Desconfei, confesso, de diversas cousas : isto é, interpretei o seu viver, por diferentes modos, dos quaes tarde ou cedo eu tinha o desengano.

DESC. — E sempre te conservaste calado.

JORG. — Sempre. Primeiro, tinha-lhe amizade ; segundo, o meu lugar era o melhor que se podia encontrar ; alem de tudo, não sou dado ao mexerico ; acho isso uma acção feia.

DESC. — Obrigado, Jorge. Hoje entrarás no segredo de minha vida. Preciso esta noite de ti. Vai ; manda entrar a pessoa que me procura. (*Jorge sahe*).

SCENA VIII

DESCIO e DIONISIO

DESC. (*volta a escrever ; tira o relógio e olha*) — E' quasi meio dia.

JORG. (*em cima*) — tenha a bondade de descer.

DIO. (*idem*) — Mas então o menino vive lá embaixo no escuro ? (*Descio tom um sobresalto e levanta-se*).

JORG. (*idem*) — Tem luzes, estão sempre accesas porque lá não penetra o sol que não faz falta.

DIO. — Esta gente moça tem sempre cousas ! (*Vai descendo*)

DESC. — (*Vai precipadamente á porta ; estende os braços cheio de commoção, alegre e arrebatado ; pronuncia as primeiras palavras com a voz quasi embargada.*) — Tu !... tu !... meu velho amigo, meu pai ! (*Precipita-se-lhe nos braços*) Tu aqui !... Tinhas afflicção por ver-me ! Como és bom ! Sempre generoso !

Dio. (*com affectação*) — Ora vamos! meu caro senhor; deixe-me caminhar. (*Vão descendo, Descio agarrado á este. Ao chegar em baixo abraça-se de novo; Descio encheu os olhos.*) Oh! então venho lhe fazer chorar? se é assim, dou de rédea e vou-me de novamente montejar por ahí fóra.

DESC. (*tomando-lhe as mãos e encarando-o com affago e sorrindo*) Estás velho, meu nobre amigo, mas ainda assim forte! Não te esperava, mas conheci-te pela voz; conheço-te por essa phisionomia, estampa esculpida da mais pura e profunda nobreza de character!... Dionisio!... Dionisio, meu amigo, meu pai! (*Abraça-o.*)

Dio. (*com affectação*) — Sim senhor, sim senhor! Tudo que o senhor me diz, é muito bonito; recebeu-me muito bem, ó verdade; mas se tinha saudades de seu amigo, de seu pai, ou antes d'este velho pardo que nada vale, bem sei, mas que ainda assim, o senhor moço sempre em suas cartas diz estimar; porque? lhe pergunto, meu caro cavalheiro, (*cumprimentando-o*) senhor capitalista! porque não o foi ver lá perto da villa da Bagagem?

DESC. — Oh! meu bom amigo; hoje mesmo, esta noite, devia sair e de certo ainda sahirei d'aqui.

Dio. — Hoje?! apezar da minha chegada?

DESC. — Assim é preciso e tu não poderias vir mais a tempo?

Dio. — Para tornar a voltar!... Essa é boa!

DESC. — Para me ajudares na conclusão da minha grande obra.

Dio. (*grave*) — Ainda, Descio? Persististe?

DESC. — Era necessario. Reprovas estas minhas acções; mas não sabes que na minh'alma ellas tem encontrado forças, até para te contrariar.

Dio. — E nunca mais, depois de tres annos me fallaste n'isso; pensei que tinhas resolvido abandonar essas feras ao seu destino; pensei que se apagára em ti esse máu fogo de vingança. Descio, fizeste mal! (*Afasta-se.*)

DESC. — Ah! meu pai! Sim. Destruí-lhes as fortunas; essas fortunas compradas a peso de sangue, a peso de lagrimas! Fiz mais ainda: vou reduzi-los ao ultimo extremo, collocal-os entre a morte e a vergonha. Entregal-os á grilhêta, leval-os ao estado em que deverião achar-se.

Dio. — Mas, filho! Isto é a luta da tua consciencia futura; e quando ella te deixar na duvida, n'essas trevas horribes a que perguntarás: assistia-me o direito de obrar assim? Ah! não forão estas as minhas lições!... Deus só tem o direito de castigar, porque não precisa julgar.

DESC. — E a sociedade? E a humanidade?

Dio. — Sim! a humanidade; ensinei-te que trabalhasses para ella, porque para ella deve ser unicamente o trabalho dos grandes, dos queridos da fortuna, dos bemaventurados do talento!

Desc. — E não é um serviço prestado á sociedade livral-a d'esses monstros, d'esses flagellos?

Dio. — A sociedade, talvez; porque ella tambem castiga; mas á humanidade, não! e não! Ella precisa do perdão, que é a alma de sua instrucção! (*Pausa e continúa sentimental se aproximando de Descio*) Filho, adormeceste nos meus braços; n'aquelle dia fatal, fazem hoje dezeseite annos; o vento rumorejava mansamente nos *buritynaes*, ramalhando com suave *chichiar* os leques dos *baguassús*; além o som da queda das cachoeiras do *Abaté*, aqui o chilrear do *grillo quassú*; na matta os ultimo; gemidos modulados da terna *juryty*, o grito estridente e longiquo da araponga, fazião harmonio;a em sea de;concerto a musica do sertão, e tu dormias, e o sol ia retirando á pouco e pouco suas derradeiras claridades; as lagrimas me desli;avão pelas faces; scismava em ti, scismava em teu futuro que me fôra confiado; derepente percebi que entre teus sonhos tambem choravas; palavras entrecortadas, sumidas nos soluços, disseste tambem ao principio; mas subito, uma palavra, a ultima, soou bem clara; disseste: vingança! e abriste teus olhos. Oh! quem te tinha tão pequenino ensinado aquelle nome!... Fatalidade!... (*Pausa*) Sabe; o que eu fiz; procurei plantar em tua alma a resignação; quiz ensinar-te a perdoar! Porém, meu Deus! Uma força te impelliu; cumpres a tua missão. (*Estendendo-lhe a mão*) Eis ali porque não te posso condemnar.

Desc. (*aperta-lhe a mão com effusão*) — Ah! Dionisio! Nem o poderias porque Deus deve ter-me absolvido. (*Vai pouco a pouco alterando a voz cheia de emoção e fallando com a rapidez do enthusiasmo.*) Escuta: no dia em que trocando as vestes academicas pela bussola do viajante, parti de Coimbra para poder encarar os meus inimigos; no dia em que deixei o meu nome, para tomar o da fera das montanhas da Baviera; e com o olhar d'essa fera, com os olhos de lynce, pude ver de longe os assassinos de meu pai, e;tremecei; dois d'elles estavam tão altos, tão poderosos que só uma vontade suprema, uma força herculea podia os abater, achatal-os á condição mesquinha dos vis reptis que se cevão nas raizes. Rico, bastantemente rico, todo o meu ouro serião garras formidaveis para lançal-as nos pescoços d'esses abutres, e sugar-lhes gotta a gotta o sangue envenenado. Meditei, — e quando sahi d'esse meditar medonho, quasi recuei ante meu plano! tão formidavel era elle! Emquanto fiz erguerem-se bandidos como elles, foruecendo capitaes, armando navios; fazendo ora altos negociantes, ora grandes capitães, que uns e outros por meu dinheiro chamavão as fortunas dos dois scelerados, para mais tarde ou arrastal-as ao jogo fallindo e fugindo; ou quebral-as com os proprios navios não segurados, sobre as escarpas de rochedos africanos ou entre abrolhos do mar! Emquanto que, com a senestra derramava o ouro para a vingança, para o estermínio, para a deslocação e para o incendio do edificio, ia com a dextra levar o obolo ao mendigo, a esmola á viuva.

o dote a innocente e pobre menina que demandava o altar ! A' esquerda, zunia-me o vento de um combate atroz, á direita o doce zephíro emanado das mil bênçãos que mandavão ao desconhecido ! E sempre esta amargura, sempre o agonisar incessante do insomne que marcha rapido sem encontrar um leito para repouso ! sem encontrar uma voz amiga e carinhosa, que lhe exprimisse uma nota suave de consolo, que lhe humedecesse os labios resequidos pelo sorver soffego do licor acetico ! E agora !... agora que a obra estava a findar, Deus devia mandar-me em recompensa... sim, em recompensa !... que a minha alma se enchesse, que meu coração transbordasse ! que sentisse uma nova vida derramar-se em mim ; que todo estremecesse sentindo-me a mim mesmo, grande ! heroico ! tanto no mal como no bem ! Como Christo, achou-se filho do Ente Supremo ! Eu tambem julguei-me e chamei-me — a Justiça ! Ah ! e a justiça, quizera hoje ser unicamente amada, como chamar-se — o amor ! E não é... (*Cahe prostrado sobre uma cadeira perto da mesa e esconde o rosto nas mãos.*)

DIO. (*chega-se a elle*) — Pobre filho !

DESC. (*serenado e triste*) — Sim, meu pai. Pobre de mim... Amar ! quando se tem um dever a cumprir contra o proprio objecto de seu amor. (*Ouve-se rumor de vozes e de passos, em cima. Altercação. Descio levanta-se, presta attenção, e diz com voz rapida para Dionisio*) Esconde-te, esconde-te ali ; atravessa a grade porém não vás para longe, nem deixes ahi passar ninguem.

DIO. (*vai apressadamente para o fundo*) — O que será ?

DESC. — E' elle ! Esqueci-me de prevenir Jorge ! Ah ! mas vem... (*Grave*) Serenidade. Nem odio, nem piedade. Não sou o filho, sou o juiz !

SCENA IX

Descio, Augueto Martins e depois Dionisio, Jorge, o official de justiça, o sargento e duas praças de policia.

MART. (*Em desalinho, sem chapéu ; desce apressado, procurando com a vista e dizendo* — Ah ! senhor, valei-me !... Esconda-me, por quem é ? !... Aqui n'este subterraneo não me acharão !... Sou accusado de estelionato.

DESC. (*impassivel*) — Aqui não se acoutão ladrões !

MART. — Ah ! por favor... não offenda a desgraça, lhe supplico. Esconda-me... não deixe penetrar aqui a policia ! (*Caminhando como em procura*) Ah ! mas que homem é o senhor, que não cede a um miseravel uma hora, se tanto, de hospitalidade !

DESC. — Oh! hospitalidade! Acaso pôde pedil-a aquelle que se reclinou no leito hospitaleiro; bebendo da mão d'ella o mel puro dos carinhos que se reparte entre familia e que no dia seguinte rasga a golpes de adaga o peito sincero que de si tirára a coberta para aquecer?!

MART. (*espantado*) — Ah! sabe essa historia?!... (*Ouvem-se vozes*)

DESC. (*que tem se aproximado do alçapão, abre-o e mostra a Martins*) — Ah! tens, assassino, o refugio que te posso offerecer. (*Barulho de espadas.*)

MART. — São elles... é ella... a policia! (*Corre até junto do alçapão e estaca atemorizado*) Me offerece a morte! Isto é um precipício!

DESC. — No fundo tens o mar. Aqui foi no passado uma habitação de contrabandistas. As historias dos crimes se ligão aos criminosos. (*Os policias apparecem.*)

MART. (*olhando*) — Não... não posso... é um suicidio!

DESC. — Cobarde!

MART. (*deparando com a porta do fundo*) — Oh!... (*corre direito a ella e ao aproximar-se-lhe apparece Dionisio, recúa para a esquerda*) Ah! o matador de onças!... (*Deparando com o quadro*) Este quadro!... Esta scena!... (*Puchando os cabellos*) Estarei louco?... Louco, eu?... (*Avança*) Sim, tenho vontade de rir-me!... (*Apointando para os policias*) Ali o presente! (*para o quadro*) Ali o passado!... Mas onde estarei eu!... (*Indo á Descio*) Mas quem é o senhor?!...

DESC. (*que tem-se retirado para junto do retrato, abre-o com a mão esquerda e aponta com a direita*) — O filho da tua victima!

MART. — Elle? Elle!... Pedro Serrano... Tu!... seu filho!... Oh! grande Deus, sois justo! (*Vai a precipitar-se no buraco, os policiaes o agarrão; faz pouco esforço para livrar-se e o conduzem para cima*).

DIO. (*que tem descido*) — Descio, és inexoravel!

DESC. — Tombou a primeira columna do monumento do crime! (*Cahe o panno*).

JOSÉ DE SÁ E BRITO.

INCONVENIENCIAS SOCIAES

AO AMIGO AURELIO DE BITTENCOURT

EVANGELINA E LUIZA

As grandes sensações de dór ou de prazer pesão tanto sobre o homem, que emagão no primeiro momento e paralyção as forças vitaes. Diz o vulto mais eminente da nossa litteratura n'aquelle romance que tão forte impressão nos deixa após tantos e tão variados sentimentos que experimentamos ao folhear as paginas perfumosas do livro de Lucia, aquella infeliz *Luciola*... E' depois que passa esse entorpecimento das faculdades, que o espirito, insigne chimico, decompõe a myriada de sensações, e vai sugando a gotta de fel ou de essencia que ainda estilla dos favos apenas libados.

Quando, assim pois, retirei-me de Evangelina, eu sentia as labaredas do fogo do inferno dante-co a requeimar-me a alma. Ah! só quem tenha visto o lyrio do primeiro amor que de abrocha apenas nos jardins do seio, rociado pelo sereno das lagrimas, pender emmurhecido ao sopro gelido do vento da indifferença... só quem tenha visto desapparecer uma a uma todas as estrellas luminosas das crenças que despontavão no céu azul da adolescencia; ah! só quem tenha visto o cadaver gelado da mulher que em outros tempos nos fallou de amor, poderá comprehender as agonias de um coração de moço profundamente apunhalado pelas ironias de uma mulher social...

E' então que a nossa alma mergulha-se no oceano sobrio das tris-

tezas, voltando de novo á tona das espumas, não com as perolas que o audaz mergulhador da Asia arranca ao seio das aguas, não : mas com o sorriso do sarcasmo que arregaça o labio frio do sceptico, esse mixto indefinivel de—zombaria e piedade, essa junção terrivel de—compaixão e desprezo !

Passsei trez mezes na estancia de meus pais em companhia dos meus, e, quando tive de regressar ao Rio de Janeiro, nem senti animo de ver a pallida sombra da virgem que eu amára, essa pobre victima da sociedade actual, que os Lovelaces appellidavão — a rainha dos salões !

Passarão tempos...

Uma tarde, fumava eu em companhia de meu amigo o Dr. Lydio Soares um d'aquelles charutos excellentes que elle tem sempre para si e seus intimos, quando, depois de duas agradaveis horas da mais animada conversação, que versou sobre theatro, mulheres, bailes e litteratura, desciamos, sem que eu tivesse coragem de re.i tir ao beijo que parecia-me supplicar uma purpurina garrafa de Johanni berg, o predilecto de Goethe, a escada de seu escriptorio de advocacia á rua dos Ourives n. 45 — B, tomando a direcção do *Cassino*.

Lydio Soares é um dos poucos homens venturosos que a um physico elegante reúne tudo o que se pôde admirar no moral ; além d'isto, rico e bastante acreditado, é o alvo das considerações dos poucos que têm a felicidade de conhecel-o de perto.

Bem jovem ainda, pois apenas tem vinte e quatro annos de idade, elle pisa na tribuna popular com o mesmo desembaraço com que afasta em sua passagem os reposteiros dos primeiros salões da Côte; e arrasta a sua cadeira de deputado na assembléa provincial com a mesma familiaridade com que descerra o alvo cortinado do elegante leito das mais bellas *mulheres da epocha*...

Depois de uma longa palestra no escriptorio da «Republica», onde pude ver, ouvir e admirar Salvador de Mendonça e Quintino Bocayuva, estes dois vultos gigantes que, unidos ao nosso charo Francisco Cunha, formão a trindade esplendida da santa democracia ; chegamos ao *Cassino*, onde rimos a mais não poder com o espirituoso e impagavel *Petit Faust*...

Petit Faust é, como o *Jovem Telemaco*, um trabalho de verdadeiro merito, não só pelo estylo em que está primorosamente escripto como pelo constante espirito fino de seu feliz autor.

E o *Jovem Telemaco*?...

Não viste-o ainda?... pois nem sabes o quanto perdes. Ora, imagina que aquelle principe generoso que arrostou contra tantos perigos em busca de seu nobre pai, o velho rei de Ithaca ; guiados os seus primeiros passos na carreira perigosa dos annos pelos sabios conselhos de Mentor ; apparece em scena, sem mais nem menos, vestido á alta eschola, e a procurar seu pai por baixo de cadeiras... dançando o *miu-*

dinho com Calypso e as nymphas, que cantão ao som desgrunhado de harpas (não cóleas) o

« *Pero esta rubia...*

« *Mi gusta más!...* »

E' das *Arabias* o Sr. Eduardo Garrido !

Ha n'esta sua producção scenas inexplicaveis, sómente vistas.

Quando, por exemplo, *Telemaco* (neto de Ulysses) sente que deve continuar as tradições gloriosas de seu pai, *un des rois que out, après un siège de dix ans, reversé la fameuse Troie*, na phrase elegante do reverendo Fr. Salignac Fénelon, e, no ardor das mais elevadas aspirações humanas, diz :

« Hei de ser um novo Enéas !

« O meu ardor não desmaia...

Oh ! a transicção é excellente, de um effeito maravilhoso !... — Sente-se repentinamente atacado por uma forte dôr de... barriga, e termina a estrophe, amarrotando um pedaço de papel, com estes memoraveis versos :

« Vou dar um gyro na praia...

« P'ra refrescar as idéas !... »

E um celebre bestealógico, onde ha, mais ou menos, isto :

« Ha no patético ípico

« Tanto de exdruxulo, exótico,

« Como de lubrico e optico

« No pyrothechnico typico !

« Nas apparencias synthóticas

« Das illações acrobaticas,

« Seccão-se as vagas magneticas

« Das represalias aquaticas !

« Triumpha o *ser* do *não-ser* ! !...
« E ha um munto subjectivo
« Que julga o mundo objectivo
« Na qualidade do ser !

« »

Finalmente, quando, ao fim de tantos trabalhos, chegam a se encontrar pai e filho, e diz Ulysses :

« Eu sou pai de meu filho... »

E responde *Telemaco* :

« Eu sou filho de meu pai... »

Até que afinal reconhecem-se, Ulysses, no auge de sua alegria paterna, exclama em som de gaíta arruinada :

« Filho *das minhas entranhas* !
« Si estas barbas não *estranhas*... »

Oh ! meu amigo, não sabes o que perdes aqui n'esta insipida capital, que mais me parece uma aldêa...

Deixemos os italianos bairristas com o seu — *Veder Napoli e poi morir*, — e repitamos com os *doutoresinhos* que nos vem do Norte ou do centro : « Quem não foi ás minhas plagas ainda não viveu ! Aqui... vegeta-se ; lá — sim, se vive ! »

.

Lydio, ao sahirmos do *Cassino*, apresentou-me á Camilla, uma d'aquellas mulheres-sylphides que a nossa imaginação de sonhadores idealisa aos pallidos clarões do luar que se reverbêra nos descampados...

Si queres ter o retrato d'essa Camilla, imagina uma mulher de dezoito annos, linda como devem ser os anjos ; fragil — como essas pétalas mimosas que se desprendem das flores ao passar das virações silenciosas do crepusculo... meiga — como essas creaturas tristes que

a uma enfermidade fatal vão desfinando pouco e pouco e morrem... como o som de uma harmonia meliflua.

Camilla offereceu-me um lugar em seu carro, e Lydio instou commigo em aceitar, pois ao contrario me deixaria só, visto ter de acompanhar Lady Alvinia, que o esperava á curta distancia.

Sentei-me ao lado de Camilla, e o bolicairo a um leve aceno de mão fez com que os cavallo partissem a toda brida lascando fogo das pedras que parecião estallar ao toque de suas ferraduras taxeadas...

Instantes depois, á porta da carruagem, offerecia a mão á Camilla, que convidou-me a subir.

Eu já estava no quinto degráu da escada, quando Camilla, segurando-me ambas as mãos, disse-me n'um tom de voz doce e melancolico :

— Olha bem para mim...

Já, antes d'isso, ao chegarmos á porta de sua casa, ella me havia perguntado o meu nome. Immediatamente respondi-lhe, dando-lhe um beijo :

— E's bella, és a mais linda mulher que vejo n'esta còrte. E, se queres perdoar-me, consente que eu te diga que já vi outra creatura tão linda como tu.

— Onde ?

— Na minha terra ; em Porto Alegre.

— Luiza ?...

Quando Camilla pronunciou este nome, seus olhos saltarão tanta luz, suas mãos tremião tanto ao apertar as minhas, que eu reconhecendo-a murmurei fascinado :

— E's tu !...

E á luz de uma lampada que bruxoleava agonizante, vi, no esplendor de toda a sua belleza, quem pensas que eu via ?

Camilla ? A mulher a quem havia poucas horas tinha sido apresentado ?

Não... eu apertava ao peito de jovem a mais bella das minhas namoradas de adolescente : — A Camilla, christmada com esse poetico nome no *mundo livre* da còrte, era Luiza, a minha segunda namorada aqui de Porto Alegre !

Eu gostára d'ella, é verdade, mas o meu affecto não chegára a merecer o terrivel, raro e tão mal comprehendido appellido — amor.

Fazia-lhe versos, que publicava em certos jornaes da terra, que seu pai assignava, e ella por innocente coincidencia lia-os á janella justamente na occasião em que eu passava para vel-a, e receber em troca do mais rapido piscado de olho o mais doce e estudado de todos os sorrisos...

Eu já sabia ha muito, por linhas traversas, que Luiza, seduzida pelos juramentos e promessas de um bacharelzinho de sobrecasaca até o joelho e calças que cobrião-lhe o pé inteiro, abandonára seus pais,

mettendo-se a bordo do «Guahyba», no qual partira para o Rio Grande e d'ahi seguira para Montevideo no «Itajay»... mas quando pensaria vir a encontral-a no Rio de Janeiro e sob o pseudonimo de Camilla?

Reconhecemo-nos, beijamo-nos; ella chorou, eu accendi um charuto, entrámos para o quarto e passámos a noite mais feliz da minha vida! Camilla por mais de uma vez ergueu-se do leito para mostrar-me o meu retrato de menino, que ainda conservava, os versos de pé quebrado que eu lhe fizera nos meus primeiros assomos de poeta, provas estas evidentes de que a minha humilde individualidade não tthia sido riscada de sua lembrança.

No dia seguinte, ás dez horas da manhã, depois de ter almoçado á lauta em companhia d'esse anjo a quem principiava a amar, eu despedia-me d'ella que, entre beijos e carinhos, só consentiu que eu sallsse, comtanto que voltasse á noite, pois ainda tinha muito que contar-me e muito que indagar de suas antigas companheiras de escola, já então umas casadas, outras viúvas, outras solteiras e outras, finalmente, nem casadas, nem solteiras e nem viúvas...

Sahi. Passei o dia inteiro impressionado e com saudades d'aquella visão da minha infancia que n'uma só noite abria-me as portas encantadas do palacio das delicias terrestres com a chave de ouro dos beijos mais doces que tenho estalado aos meus labios.

As ave-marias voltei á sua casa.

A tarde tinha sido calma e bella como as tardes de verão costumão ser n'este pedaço abençoado da America.

Luiza estava vestida de branco, e seus bastos e longos cabellos negros cahindo oscillantes por seus alvos hombros semi-nús davão um realce divino áquella fascinante creatura.

Correspondendo ao meu abraço com um beijo na testa, Luiza levou-me pela mão até o seu jardim e ahi sentamo-nos no mesmo banco de marmor á sombra de uma parreira.

A lua vinha surgindo lá das bandas do oriente encantado das tradições dos primitivos poetas. Uma ou outra estrella despontava na tela azul do firmamento sereno — ermo de nuvens.

As virações que passavão por nossoz cabellos misturavão ao luxurioso perfume de seus seios palpitantes de languidez e lascivia os aromas castos das flores que nos cercavam.

Oh! e quem não sabe a leada mytira dos perfumes?...

Luiza deitou a fronte linda sobre o meu hombro e eu, beijando-a e suspirando, murmurei-lhe ao ouvido estas doces e divinas e tropheas do sonhador das *Espunas fluctuantes* :

Alma das flores — quando as flores morrem,
Os perfumes emigrão para as bellas,
Trocão labios de virgens — por boninas,
Trocão lyrios — por seios de donzellas !

E ali — sylphos travessos, traiçoeiros
Voão cantando em languido compasso,
Occultos n'esses calices macios
Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Magdalena a urna olhaes apenas
Como um primor de orientaes redomas ;.

E não vêdes que ali na myrrha e nardo
Vai toda a crença da Judia loura...
E que o oleo, que lava os pés do Christo,
E' uma reza tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Si uma rosa de ha muito emmurchecida,
Rola acaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos
Desperta ali como invisivel nume...
E o poeta murmura suspirando :
« Bem me lembro... era este o *seu* perfume ! »

E que segredo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essencia ?
Ora o cheiro é lascivo e provocante !
Ora casto, infantil como a innocencia.

Ora propala os sensuaes anceios
Da alcova de Ninon ou Margarida,
Ora o mysterio divinal do leito
Onde sonha Cecilia adormecida.

E' que o perfume denuncia o espirito.
Que sob as formas feminis palpita...
Pois como a salamandra em chamma vive,
Entre perfumes a mulher habita.

Tive impetos por mais de uma vez de não acabar estas estrophes, mas são tão lindas, que cheguei ao fim, ainda que os beijos ardentes e as contracções de Luiza, que parecia afrontada e dobrava-se sobre si mesma, como esses juncos flexiveis ao soprar das brisas, acordassem em mim desejos longos que em breve realizarão-se em delicias inexplicaveis.

E depois...

Era muito tarde, abandonámos o jardim, e sentámo-nos á mesa onde estava a ceia á nossa espera.

Ao sahirnos da mesa Luiza foi para o piano d'onde desferio algumas melodias suaves, em quanto eu, escrevia n'uma folha da carteira uns versos que não lembro agora, em pé junto ao piano.

Ella acompanhou e eu recitei-os momentos depois do escriptos; a noite se adiantara, fomos para a alcova.

Ao a fastar o cortinado que cerrámos sobre nós, Luiza elevou-me nas azas encantadas de suas caricias ao céu do maior de todos os prazeres... adormecemos.

Continúa.

MUCIO TEIXEIRA.

DADOS HISTÓRICOS SOBRE A PROVÍNCIA

Amigo e companheiro,

Secretaria da guerra em Campo 4 de Janeiro de 1844.

CIRCULAR

Permitti que seja franco convosco, expondo-vos verdades incontestaveis, que o tempo quiçá vos fará apezar conhecer.

Onde está vosso patriotismo? onde os protestos que fizestes de servir sempre á Republica? — Será possível que abjureis de principio depois de tantos serviços, depois de haver compromettido tantos Cidadãos na defeza de nossa causa? Eu o não creio, nem acreditarei.

Por acaso suppondes vós, que se o Brazil nos vencer, vos deixará e aos mais na pacifica posse d'esses bens que vos restão, no centro d'essa familia que idolatraes, e a quem vos unis, negando-vos a vir concorrer com as armas na mão na defeza commum?

Pois sabei, se é certo que assim pensaes, o que não creio, que sois inteiramente enganado; porque se fosse possível elle vencer-nos, o que nunca succederá, pela firmeza de sentimentos d'uma porção de bravos e decididos rio-grandenses, que tem jurado á face de Deus e do mundo — vencer ou morrer — antes do que entregar como vis cordeirinhos os pulsos ao captivo, a garganta ao afia do punhal da vingança brazileira; e crêde que se assim fôr, nem vós, nem algum liberal, o

mais pintado, continuará a habitar este solo sagrado, depois de guerrear ao Brazil nove annos!

O exemplo para o qual vos aponto é o que praticarão os realistas com os paulistas, mineiros e os mais habitantes das provincias do imperio, onde houve revolta, e onde poucos tiros se dispararão em poucos dias de movimento hostil contra o monarcha; pois nem nobilissimas familias respeitárão-se, nem varões sapientes forão isentos da prescripção injusta, barbara e atroz, seus bens *in plenum* confiscados, etc. etc.

Emfim, correi ás armas, não vacileis; vinde engrossar as filas dos bravos a que sempre haveis pertencido; não vos fieis nas perdidas suggestões de vossos inimigos, que tudo inventão para nos adormecer e matar. Dai uma prova que sois rio-grandense; e contaí que jamais duvidou de vossa firmeza de sentimentos e patriotismo o vosso antigo amigo e companheiro

M. L. d'Oliveira.

Amigo e antigo companheiro Mota.

Secretaria da guerra em Campo 4 de Janeiro de 1844

Por entre as filas do proprio exercito imperial e de suas divisões tem varado e varão quotidianamente distinctos republicanos a engrossar os briosos esquadrões da Independencia, e vos mantei-vos em apathia!? Desterrai o receio de atravessar pelo meio dos inimigos, e correi a engrossar nossa força: tendes em vosso favor a experiente pratica do terreno assignalado desde a infancia com vossas pizadas e haveis marcado a todo o andar penedo por penedo, monte por monte, collina por collina, vereda emfim por vereda. Que pois vos detêm? que fazeis, que não bradais ao ouvido d'esses antigos soldados de vosso mando, tantas vezes guiados por vós á gloria dos combates, e d'onde os tirasteis tantas vezes victoriosos?! Quereis que elles vos digão algum dia quando por vossa omissão, quiçã, gemendo aferrolhados nas masmorras vos gritem — maldição sobre aquelles que nos comprometterão, que tantas vezes nos fizerão triumphar, e que hoje são causa de nossas desgraças irremediaveis; que lhes responderieis se ouviseis?

Sei muito bem que haveis estado doente, e que um tal motivo vos ha desviado de coadjuvar na crise actual da Republica, depois de tantos serviços; mas como tem intimo convencimento de vosso patriotismo

e caracter, conta comvoseo entre nós com todos os patriotas que possaes reunir com a brevidade possivel.

● vosso amigo e fiel companheiro

Oliveira.

Cidadão

Secretaria da Guerra em marcha 8 de Abril de 1844.

CIRCULAR

N'este momento tenho parte do cidadão general em chefe que o Caxias hontem vinha em marcha aquem do Veleda ; em consequencia me conjura a pôr á testa das reuniões do 2º corpo de guardas nacionaes, cujo convite com grande prazer aceito ; porque estou certificado que vós, que meus antigos companheiros d'armas, acudirão á minha voz para servir á patria em uma epocha que o inimigo vai dar o ultimo arranco. Voai portanto com todas as reuniões para o Manoel Domingues, no momento de vos ser este entregue, rebanhando e comprando em seguida todos os cavalloos serviveis para melhor acelerar a jornada, e ahi esperareis minhas ordens até o dia 14 do corrente sem falta.

Não hesiteis ; correi a ajudar no ultimo empenho de nossas armas, prestes a desfechar sobre as phalanges realistas o ultimo tiro.

Deus vos guarde como é mister.

M. L. d'Oliveira.

Aos majores Mauricio José Gonçalves, Antonio da Silva Motta e José Francisco Paes, capitães Florentino Francisco Duarte, João Machado da Cunha, Francisco Moreira da Silva e Xisto Soares Louzada.

Cidadão Tenente-Coronel.

Secretaria da Guerra 8 de Abril de 1844.

Junto vos envio um officio do cidadão general em chefe e por elle não só vos intelligenciareis de suas ordens, como de quanto urge que marcheis com a velocidade do raio na direcção da fazenda do fallecido Manoel Domingues, onde me achareis, ou ordens minhas a cumprir. Para mais acelerar vossa junção comigo, agora mesmo espeço ordem aos majores Vaz e Mauricio, capitães Xisto Soares, João Machado e Florentino, indicando-lhes o mesmo ponto.

A guerra, cidadão tenente-coronel, tocou áquella actividade que ha muito almejávamos: um e-forço, um só esforço, basta da parte dos dos briosos defensores da Republica para afastar de nosso solo as hostes realistas, ou fazel-as morder a terra se persistirem tenazes. A casa de Bragança está abalada até os fundamentos; o mais pequeno choque a vai derribar, e então de quanta ufania nos não devemos deixar possuir, por termos deixado de lutar braço a braço com esse colosso no longo periodo de nove annos, mas tambem legado ás provincias irmãs, a libordede de que careciamos?

Deus vos guarde para bem da Republica.

Oliveira.

Ao Sr. tenente-coronel Urbano Soares.

Cidadão presidente José Gomes Jardim.

Secretaria da Guerra em campo no Bahú, 28 de Abril de 1844.

Motivos imperiosos que de viva voz vos participarei, me moverão a convidar a um conselho de cidadãos generaes e officiaes superiores do exercito, e a fazer sciente de vossa parte os passos que se hão dado para S. Paulo, Minas e outras provincias, soliciando a cooperação de varios senadores e deputados para advogarem nossa causa e suas justas circumstancias na assembléa e senado, e que o governo, solicito em empregar os ultimos meios para pôr termo á guerra, resolvia enviar

um commissionado com instrucções á ambas as camaras a tratar do transcendente assumpto, para cujo fim desejava ouvir a opinião de cada um dos mesmos generaes e officiaes sobre o que mais convinha — ou a independencia total, ou a federação. Uniformemente se conformarão com esta ultima cousa, e que se o governo brasileiro a recuse, nos ligariamos então pezarosos a uma nação estrangeira. Acordou-se depois que se nomeasse uma commissão de tres membros com a necessaria idoneidade para apresentarem as condições com as quaes se muniria o nosso enviado para argumentar na côrte, sendo escolhidos os cidadãos distinctos — vigario apostolico, coronel José Mariano de Mattos e major Luiz Ribeiro Barreto.

Cidadão Affonso Gassier.

O governo da republica scientemente informado da solicitude que haveis expontanea e caridosamente desenvolvido na cura dos militares enfermos n'essa povoação ; e assim mais dos supprimentos de remedios de tão bom grado subministrados de vossa botica para os mesmos doentes : me manda em primeiro lugar agradecer-vos a louvavel assiduidade que haveis empregado no curativo dos que reclamão vossa valiosa assistencia ; e em segundo instar-vos, para que vos digneis mandar extrahir, e remetter a esta secretaria, uma conta da importancia dos medicamentos suppridos de vossa botica nas mencionadas curas, para pela repartição competente se vos mandar pagar com promptidão ; como tambem sem affrontar o vosso melindre e genio franco, relevareis que saiba quanto somma em valor pecuniario vosso trabalho nas continuas visitas aos mesmos.

Afiançar-vos vos manda em conclusão, que vossos serviços, o governo os toma em elevada consideração, como oriundos d'uma sublime educação, d'uma alma philantropica e prestativa.

Deus vos guarde, cidadão doutor, e vos conserve feliz n'esta republica.

Oliveira.

Cidadão Capitão.

Secretaria da Guerra e interinamente do Interior em Piratiny 22 de
Junho de 1844.

E' dever do governo que deseja dar andamento bem concertado á machina social, indagar onde existem as molas mais perfeitas e pro-

prías para os lugares que se destinão, reunil-as para junto da machina, e fazel-as entrar no lugar competente : as mais vigorosas do ponto que reclamar vigor ; as mais vagarosas no posto que reclamar menos actividade em seu desenvolvimento. Composta assim, seus movimentos serão bem concertados, e nada haverá capaz de entorpecel-a em sua marcha progressiva.

Constando ao governo que vos haveis retirado enfermo para S. Servando, e considerando-vos já melhorado de vossos padecimentos, me manda significar-vos, que tem um lugar importante na linha dos negocios publicos que confiar-vos, e para isso vos convoco a uma entrevista na estancia da Conceição (em Candiota) até o dia 8 do vertente, onde conta concorrereis com aquelle enthusiasmo que vos distingue no serviço da Republica.

E' o que, cidadão capitão, de ordem do governo cumpre hoje manifestar-vos.

Deus vos guarde para bem da Republica.

M. L. d'Oliveira.

Cidadão João Simplicio Ferreira.

AO LUAR

I:

Era tarde, bem tarde... E eu scismava,
Embrenhado na selva, á luz da lua.
E longe, ao longe... n'amplidão dos mares
Vogava mansamente uma falúa.

Dentro : — doidas crianças ! — dois amantes
Conjugavão o verbo dos amôres !...
Os astros reflectião-se nas aguas,
E as brisas a voar por entre flôres !...

E elles tinham os labios conchegados,
Attrahidos ao iman dos almejos...
E os euros, que passavão de mansinho,
A musica escutavão de seus beijos...

E a nevosa criança estremecia,
Receiando que as auras vespertinas
As estrophes do cantico dos beijos
Repetissem ás flôres das campinas...

Ella tinha a cabeça reclinada
Nos hombros de Romeu — a Julieta...
E seus alvos dedinhos alisavão
Os cabellos castanhos do poeta...

Que poema divino, exuberante,
N'essa attitude languida, indolente !...
Que duélo de beijos — n'esses labios...
Que oscillações — ao suspirar silente...

O mancebo contava-lhe baixinho
O romance gentil de seus amores,
E *ella* cerrava as palpebras mimosas
Na morbida dormencia dos languôres...

E o perfume subtil de seus cabellos
O ambiente do ermo embalsamava...
A flôr — estremecia de ciumes...
A estrella — inebriada desmaiava...

E si a lua — indiscreta ciumenta —
O grupo dos amantes iriava,
O mancebo — sorria tristemente...
E a timida morena — suspirava...

As estrellas — soltavão mais fagulhas...
As rosas — desprendião mais perfumes...
Scintillavão no mar — as ardentias...
Brincavão no vergel — os vagalumes...

E a noite... a lua... a solidão dos mares...
O marulhoso farfalhar das vestes...
Beijos, suspiros, as pupilas humidas...
Que enleios doces, ideaes, celestes !...

Ella é bella ! — da fronte côr de jambo,
Aos raios do luar illuminada,
Na doce pallidez se reverbera
Uma alma divina, immaculada !

Já viste, rorejadas de sereno,
As odorosas petalas das flores ?...
Assim são suas palpebras minosas
Humentes do orvalho dos languores...

Imagina dois olhos côr da noite,
Disputando o negrume dos cabellos
Que pelos hombros nús d'uma « hetaira »
Oscillantes desmanchão-se em novellos...

Dá-lhe um olhar ardente e faiscante,
E um sorriso travesso — como a brisa ;
— Que derrama uma chuva de perfumes
Quando por seus cabellos se deslisa :

E tens o seu retrato. Bella e jovem
É ainda mais — a amante d'um poeta...
O' meus sonhos de moço ! ó minha febre !
O' Laura ! ó Fornarina ! ó Julieta !...

Já viste, á tardezinha, dois pombinhos
— Juntinhos a voar pelo telhado ? —
Assim n'esse batel — ninho de amores —
Esse casal feliz vóa abraçado.

II

Quem erão esses doudos amorosos
Beijando-se ao luar,
A' tibia luz dos astros luminosos
Vogando em pleno mar ?...

E as leves andorinhas emigravão
Aos gelos hybernaes..
E no vergel dos seios adejavão
As aves ideaes...

O passaro do amor batendo as azas
 Librava-se no céu...
E das nuvens sumia-se nas gazas
 Das nevoas entre o véu...

Era tarde, bem tarde ; eu meditava
 Aos raios do luar,
E o baixel dos amantes resvalava
 A' tda á flor do mar...

111

Quem crão esses loucos venturosos
Beijando-se ao luar em horas mortas?...
A sociedade — a cynica egoista —
Ousou acaso lhes fechar as portas?...

E porque?... — Porque, em vez de se prostrarem
Ante um altar, de um sacerdote ao lado,
Com os olhos — no céu, em Deus — a mente :
— Receberão-se livres em noivado.

O' verdadeiro amor das almas grandes !
E' a vós, é a vós, que eu rendo preitos !
Da altura que attingis — da sociedade
Nem encherães os tolos preconceitos...

.....

Era tarde, bem tarde. Eu regressava
Da selva onde scismára á luz da lua,
E os amantes cantando á tona d'agua,
Desfraldavão as velas da falúia...

EM FIM

E' minha em fim ! Meus fulgores,
Meus affectos, meus amores
Deu-m'os a sorte por fim !
Sumirão-se aquelles pejos,
Pomba esquiva aos meus desejos,
Presas és, agora em fim !

Olha vê, quantas chimeras,
Que florentes primaveras,
Quantos enlevos de amor ;
N'este gosar que inebria,
Vai traçando a phantasia
Sem uma sombra de dor !

Vivamos : — a vida é sonho
Que desabrocha risonho
Como os lyrios da manhã...
Tenho em ti os meus scismares,
— Morenita dos palmares,
Morena casta e louçã !

Vivamos sim. O passado
Foi um sonho amargurado,
Sonho negro para mim...
Lutaste qual rosa esquiva,
Mas tinhas de ser captiva,
Pois bem vêes que és minha em fim !

Ai, amor, que mal julgavas
Que o desdem que então me davas
Era a tua punição !...
Vaidosa que regeitaste,
Louquinha que despresaste
Affectos do coração !

Pois não vêes na veiga a rosa
Que se furta caprichosa
À brisa que a vem beijar ?...
Loucuras, pois não presume
Que a brisa ardendo em ciúme
Em breve a póde esfolhar !

Vivamos pois : — se o passado
Foi um sonho amargurado,
O presente é luz em fim !...
Luz de amor, luz d'esperança,
Luz, ó pallida criança,
Brilhando só para mim !

Qu'importa um ai, um gemido
Intimo, d'alma, perdido
N'essa quadra de dor,
Se o fogo d'esses teus olhos
Foi santelmo entre os escolhos
Foi minha aurora de amor ?

1875

Abra de Maria S. V.